

Os Primeiros Passos de uma Hermenêutica Feminista: a *Bíblia das Mulheres*, Editada por Elisabeth Cady Stanton

Wanda Deifelt

Quando Elizabeth Cady Stanton era criança, passava a maior parte do tempo no escritório de direito de seu pai, o juiz Cady. Sentada em seu colo, ouvia o juiz explicar pontos da lei a seus clientes. Muitas mulheres — agricultoras idosas e pobres — vinham implorar ajuda ao juiz, pois os maridos abusavam delas, tomavam o dinheiro que elas recebiam lavando roupa para fora e gastavam todo o seu salário em bebedeiras. Outros hipotecavam a propriedade onde moravam ou simplesmente vendiam as terras sem consultar suas esposas. Ouvindo isto, Elizabeth tinha esperança de que seu pai pudesse solucionar os problemas destas mulheres, mas raramente a história terminava com um final feliz. A lei protegia os maridos. A lei dizia que o salário da esposa pertencia ao seu marido e que sua herança pertencia a ele. Mulheres casadas não tinham direito à propriedade. No casamento, homem e mulher se tornavam um, e este um era o marido¹.

Quando as esposas não se conformavam com as palavras do juiz, ele tomava um livro da estante e lia os estatutos para elas. Elizabeth prestava atenção e, depois que o pai havia terminado a leitura, ela marcava a página, guardando o livro de cabeça para baixo para poder achá-lo depois. Ela tinha um plano. Iria arrancar cada uma destas leis que oprimiam as mulheres para que seu pai não pudesse mais citá-las. O juiz Cady, porém, descobriu o seu plano. Sem deixar Elizabeth saber que havia descoberto suas intenções, explicou a ela que havia muitos advogados e muitos outros livros de direito além dos seus. Se, porventura, seus livros fossem destruídos, isso não surtiria efeito algum para as mulheres. Disse-lhe que a solução seria ir à capital para convencer as pessoas que fazem as leis a mudá-las. A própria Elizabeth deveria contar o que havia testemunhado naquele escritório. Iniciava-se assim uma carreira de mais de 80 anos de luta em favor dos direitos das mulheres².

Elizabeth Cady Stanton nasceu nos Estados Unidos a 12 de novembro de 1815. Sua família era de origem escocesa e seguia uma tradição religiosa calvinista bastante rígida. Após seus estudos, começou a participar do movimento abolicionista e de temperança. Baseado nas idéias liberais da época, o movimento abolicionista defendia a igualdade social dos negros, ao passo que o movimento de temperança, baseado nos ideais morais e religiosos da época, procurava eliminar problemas sociais como a prostituição e o alcoolismo³. Elizabeth Cady casou-se em 1840 com Henry B. Stanton, considerado um dos oradores mais eloqüentes do movimento abolicionista. Teve cinco crianças, mas

isto não a impediu de participar ativamente destes movimentos. Muitas vezes recorria a Susan B. Anthony, sua amiga e colega, para que ela proferisse em público as palestras e discursos que Elizabeth Cady Stanton preparava, quando esta não podia se ausentar de casa.

O incidente que marcou o início das atividades de Elizabeth Cady Stanton no movimento sufragista (que defendia o direito das mulheres ao voto e propriedade) começou com sua participação em uma conferência internacional de abolicionistas, em Londres, 1840. Acostumada a falar e votar entre seus correligionários nos Estados Unidos, Elizabeth Cady Stanton foi impedida de participar nesta convenção internacional porque, segundo os organizadores, a Bíblia proibia as mulheres de compartilhar autoridade e liderança com os homens. Entre os participantes desta conferência havia diversos pastores, que argumentavam contra a participação das mulheres na conferência baseados no princípio de que a submissão das mulheres havia sido decretada por Deus desde que ele havia criado Eva⁴. Nesta conferência também conheceu Lucretia Mott, e juntas começaram a refletir sobre a importância de um movimento que se preocupasse de modo especial com a situação das mulheres⁵.

Durante os 40 anos seguintes, Elizabeth Cady Stanton esteve envolvida tanto no movimento abolicionista como no movimento sufragista. Um dos problemas que as mulheres frequentemente enfrentavam era o uso de textos bíblicos, por parte de seus adversários, que afirmavam que a vontade de Deus era a submissão das mulheres e que elas não deveriam falar em público. Um dos argumentos mais comumente usados era que mulheres em posições de liderança eram aberrações da natureza⁶. Textos bíblicos não só inibiam a participação das mulheres, mas também as tachavam de pecadoras, pois elas iam contra a vontade de Deus. Depois de muitas experiências parecidas, e já em idade bastante avançada, Elizabeth Cady Stanton decidiu abordar especificamente a questão das mulheres na Bíblia.

A Bíblia das Mulheres: um Perfil Histórico

Elizabeth Cady Stanton começou a planejar um estudo acerca da Bíblia em 1886. Este estudo iria analisar a Bíblia não como um livro inspirado diretamente por Deus, mas como um livro escrito por seres humanos em contextos específicos. Para tanto ela faria uso dos mais modernos métodos críticos de pesquisa, como por exemplo a teoria das fontes (J, E, P, D) para os livros do Pentateuco, ao invés de afirmar que eles haviam sido escritos por Moisés⁷. O mais importante, porém, não eram os detalhes da pesquisa, mas os pressupostos que ela apresentava. A Bíblia não era mais um livro sagrado, mas estava sujeita à análise textual, histórica e literária como outro livro qualquer. A Bíblia não era a voz de Deus, mas a memória de um povo.

Em 1895, ela publicou a primeira parte da *Bíblia das Mulheres*, que compreendia somente o Pentateuco. A segunda parte, que compreendia Juízes,

Reis, os profetas e os textos neotestamentários, foi publicada em 1898. Elizabeth Cady Stanton começou a trabalhar na *Bíblia das Mulheres* em 1887, na Inglaterra, com o objetivo de questionar as doutrinas teológicas que menosprezavam as mulheres. Ela não conseguia entender por que as mulheres iam às igrejas e ouviam tão docilmente a sermões que as declaravam seres inferiores e causadoras da queda do homem. Esta situação era possível somente porque as mulheres haviam sido educadas a acreditar que a Bíblia era palavra inspirada diretamente por Deus. As mulheres acreditavam que era a vontade de Deus que elas fossem submissas aos homens. A *Bíblia das Mulheres* iria permitir que as mulheres descobrissem o que a Bíblia diz a respeito delas e assim testar a sua validade.

A idéia de Elizabeth Cady Stanton com *Bíblia das Mulheres* era de revisar os textos que diretamente se referem às mulheres e aqueles nos quais as mulheres são excluídas. O projeto inicial era que os comentários fossem feitos por um grupo de mulheres na Europa e nos Estados Unidos. As participantes seriam selecionadas segundo as suas capacidades acadêmicas. Algumas especialistas em grego e hebraico iriam traduzir os textos e estudar o significado de palavras-chaves nos textos. Outras iriam se concentrar em questões históricas, manuscritos antigos e versões atuais da Bíblia. Um comitê de aproximadamente 30 pessoas seria formado para elaborar os comentários em inglês. Os vários livros do AT e NT foram, então, distribuídos para a elaboração de comentários entre aquelas mulheres de idéias liberais que almejavam a igualdade das mulheres.

Mas nem todas as mulheres convidadas para este projeto estavam dispostas a tomar parte nestes comentários sobre a Bíblia. Muitas delas, especialistas em grego e hebraico, recusaram-se a participar nos comentários porque sua participação poderia manchar seu prestígio na comunidade acadêmica. Outras estavam com medo de comprometer a sua fé evangélica ao participar de um projeto liberal que via a Bíblia não como divinamente inspirada. Outras achavam que introduzir a questão religiosa na luta pela emancipação das mulheres iria causar mais divisão do que unir as mulheres⁸. Após a desistência de várias mulheres, o projeto teve que ser reduzido. O que restou do comitê observou que o trabalho não seria tão exaustivo depois de constatar que somente um décimo (1/10) da Bíblia trata especificamente da mulher. O primeiro passo foi comprar várias Bíblias, e o comitê recortou destas cópias os textos que falavam de mulheres. O segundo passo foi colar estes textos no topo de uma folha e abaixo escrever seus comentários de maneira sucinta e clara.

O objetivo dos comentários não era a elaboração de prédicas ou ensaios científicos. Os comentários eram breves para manter a *Bíblia das Mulheres* pequena e acessível ao público. O objetivo era mostrar às pessoas comuns que Deus não havia escrito a Bíblia pessoalmente, que a cena do jardim, descrita em Gênesis, não passava de um mito, que as mulheres não podiam ser consideradas responsáveis pelos pecados do mundo e, acima de tudo, que a vontade de Deus não era a submissão das mulheres. Os teólogos renomados não

ousariam adotar esta perspectiva porque ela iria abalar os fundamentos da fé: tirando o pecado de Eva, não haveria necessidade de serpente, queda, juízo final, purgatório, ou até mesmo um salvador. Sem a possibilidade de culpar as mulheres se arrancaria o tapete debaixo dos pés da teologia cristã⁹.

Fundamentos Teológicos da *Bíblia das Mulheres*

Existiam muitas opiniões conflitantes a respeito da Bíblia entre as mulheres da época. Algumas acreditavam que a Bíblia ensinava emancipação, ao passo que outras argumentavam que ela fomentava a subjugação. Em um artigo publicado no *North American Review*, em 1884, intitulado “O que o Cristianismo Tem Feito para as Mulheres?” Elizabeth Cady Stanton dizia que “a mulher não precisa ser grata a nenhuma forma de religião pela liberdade que ela hoje goza. Muito pelo contrário, o elemento religioso em sua natureza sempre tem se esforçado para mantê-la em completa submissão.”¹⁰ Se a Bíblia ensinava a igualdade das mulheres, por que então a Igreja se recusava a ordenar mulheres para pregar e administrar os sacramentos ou a admiti-las como delegadas nos sínodos, assembleias, para participar de comitês de revisão da Bíblia? A Igreja, de igual modo, nunca havia se oposto à idéia de que as mulheres são inferiores aos homens. Esta era a opinião de Elizabeth Cady Stanton sobre a Bíblia:

A Bíblia ensina que a mulher introduziu o pecado e a morte no mundo, que ela precipitou a queda da raça, que ela foi chamada ao trono de julgamento no céu, foi julgada, condenada e sentenciada. O casamento para ela deveria ser uma condição de servidão, a maternidade um período de sofrimento e angústia e, em silêncio e submissão, ela deveria desempenhar o papel de dependente do homem em todas as necessidades materiais. Para qualquer informação que desejasse em questões vitais, ela deveria perguntar ao seu marido em casa. Esta é de forma abreviada a posição da Bíblia em relação às mulheres.¹¹

As implicações hermenêuticas da interpretação bíblica de Elizabeth Cady Stanton são delineadas na introdução da *Bíblia das Mulheres*. Primeiro, que a Bíblia não é um livro neutro, mas uma arma política e ideológica usada contra as mulheres em sua luta por igualdade. Segundo, que a Bíblia foi escrita por homens e carrega consigo as marcas de homens que apenas alegam que viram ou falaram com Deus. Nesta sua postura crítica, a *Bíblia das Mulheres* apresenta os primeiros passos de uma hermenêutica feminista. Até a publicação da *Bíblia das Mulheres*, nenhuma mulher havia participado de um comitê de revisão da Bíblia. Mas, apesar de sua atitude crítica, o comitê não acreditava que a Bíblia deveria ser descartada. A Bíblia não deveria ser aceita ou rejeitada por completo, pois os seus ensinamentos e lições variam muito entre si.

Existem alguns princípios gerais nos livros sagrados de todas as religiões que ensinam o amor, a caridade, a liberdade, a justiça e igualdade para toda a família humana. Existem passagens muito belas; a regra de ouro tem ecoado pelo mun-

do afora. Existem muitos exemplos de pessoas de boa vontade, todas dignas de nossa aceitação e imitação, cujo brilho não pode ser ofuscado por falsos sentimentos de elementos negativos reunidos no mesmo volume.¹²

Elizabeth Cady Stanton constatou que a Bíblia tinha sido de fato usada em favor da escravidão, da pena de morte e da subjugação das mulheres. A *Bíblia das Mulheres* era radicalmente oposta a este tipo de interpretação e uso da Bíblia. Os comentários da *Bíblia das Mulheres* tinham implicações políticas porque eram muito críticos ao clero e à interpretação que a Igreja fazia dos textos. A suspeita de Elizabeth Cady Stanton era de que o fanatismo religioso e o uso acríptico da Bíblia eram os maiores inimigos para o movimento das mulheres. Em seus discursos, Elizabeth Cady Stanton não temia denunciar a participação do clero na opressão das mulheres através do uso de textos bíblicos que pregavam a submissão das mulheres. Não é surpreendente, então, que o maior questionamento à *Bíblia das Mulheres* tenha vindo do clero. Um tom sarcástico marcava o conflito. No prefácio da segunda parte da *Bíblia das Mulheres* Elizabeth Cady Stanton declara:

Um outro membro do clero diz: “Isto é o trabalho de mulheres e do diabo.” Isto é um grave erro. Sua majestade satânica não foi convidada a participar do comitê, que consiste somente de mulheres. Ainda mais que ele [o diabo] está muito ocupado nos últimos anos participando de sínodos, assembléias gerais e conferências para impedir o reconhecimento de mulheres delegadas, de modo que não tem tempo para estudar línguas e métodos de análise crítica.¹³

Apesar da *Bíblia das Mulheres* ter uma posição claramente anticlerical, a reação do público em geral foi impressionante. Em seis meses a *Bíblia das Mulheres* passou por sete impressões e foi traduzida para vários outros idiomas. Elizabeth Cady Stanton tinha uma visão ampla de como superar as opressões das mulheres. A emancipação das mulheres não poderia ser atingida somente através do voto ou do direito à propriedade. O fato da Igreja se apoiar sobre os ombros das mulheres, mas não lhes dar poder de decisão era um dos muitos tipos de opressão que precisavam ser questionados. O cativo teológico das mulheres tinha o papel ideológico de mantê-las submissas. Somente a verdade nua poderia despertar as mulheres de suas atitudes hipócritas em relação à Bíblia e à Igreja¹⁴. Segundo Elizabeth Cady Stanton, a Igreja, por possuir o controle da “palavra de Deus”, era talvez o elemento mais poderoso para manter as mulheres no seu lugar “divinamente ordenado”. Por isso a Igreja hierárquica também deveria ser questionada da mesma forma como as outras instituições que se opunham à emancipação das mulheres. Deve ficar claro, porém, que a *Bíblia das Mulheres* não era um ataque à religião cristã, mas aos falsos ensinamentos sobre as mulheres.

Descrição da *Bíblia das Mulheres*

A *Bíblia das Mulheres* está dividida em duas partes. O primeiro volume se atém aos textos do Pentateuco, enquanto que o segundo volume se dedica ao estudo de outros textos do Antigo Testamento e também aos textos neotestamentários. A *Bíblia das Mulheres* é baseada em uma teologia da criação. O primeiro relato da criação, em Gn 1, foi usado como princípio de análise. Sobre Gn 1.26-28 Elizabeth Cady Stanton escreve:

Se a linguagem tem algum significado, temos nestes textos uma declaração clara da existência do elemento feminino em Deus, igual em poder e glória ao masculino. A mãe e o pai celeste! “Deus criou a pessoa a sua própria imagem, homem e mulher.” (...) O v. 27 declara a imagem de Deus como homem e mulher. Como é possível então fazer da mulher um pensamento posterior? Os textos acima mostram a criação simultânea do homem e da mulher e sua importância igual no desenvolvimento da humanidade. Todas essas teorias baseadas na idéia de que o homem foi criado primeiro não tem nenhum fundamento na Escritura.¹⁵

Uma nova compreensão da criação, não mais enfatizando a submissão das mulheres, seria fundamental para dismantelar o pressuposto de que o homem foi criado primeiro e portanto deveria governar sobre a mulher. Elizabeth Cady Stanton enfatizou que o primeiro relato da criação demonstra que domínio igual é dado a homem e mulher sobre qualquer ser vivo, mas que não existe nenhuma ordem dando domínio do homem sobre a mulher. O primeiro relato dignifica a mulher como um ser igual em poder e glória ao homem, enquanto que o segundo relato faz da mulher um apêndice. A única razão para sua existência, no segundo relato, é a solidão do homem. A idéia que o homem foi criado primeiro leva certos escritores bíblicos a dizer que, como a mulher foi criada a partir do homem, ela deveria ser submissa a ele. O segundo relato, porém, não está em harmonia nem com a ciência nem com o senso comum, pois o texto diz que a mulher foi criada do homem quando, biologicamente, o homem nasce do corpo da mulher.

A interpretação de Gn 3.1-24, que é o texto clássico da queda e é usado para justificar a submissão das mulheres, também é questionada. Elizabeth Cady Stanton enfatiza a coragem, a dignidade e a elevada ambição de Eva por conhecimento — e não somente os simples prazeres de apanhar flores e conversar com Adão. Eva é bem mais proeminente e ativa do que Adão durante todo o drama. Isto poderia ser um exemplo de matriarcado? A maldição pronunciada contra Eva (Gn 3.16) é inserida para justificar sua degradação e submissão. A maternidade não era vista como uma maldição. De acordo com Elizabeth Cady Stanton, a maternidade também poderia ser uma bênção e não somente um sofrimento. Ela entende este texto através de uma outra perspectiva, vislumbrando o futuro da humanidade não como matriarcado ou patriarcado, mas uma sociedade em que tanto homens como mulheres possam governar como iguais, em verdadeira parceria¹⁶.

O comitê de revisão também apresentou diversas mulheres merecedoras

de admiração: Débora, por sua coragem e sagacidade militar (Juizes 4.4-10); Hulda, por sua sabedoria e dons proféticos, por sua capacidade de ensinar ao povo simples e a reis poderosos (2 Reis 22.11-20); Rute, por sua fidelidade e dedicação; Ester, por ser uma governante sábia (Ester 7.8); Vasti, por não aceitar a visão popular de que as mulheres deveriam obedecer os seus esposos e por acreditar que elas não são meras propriedades de seus maridos (Ester 1.2-22).

A maior parte dos comentários é sobre passagens do Antigo Testamento. Os textos do Novo Testamento são poucos e são bem menos comentados. O evangelho que recebe maior atenção é o Evangelho de Mateus, onde Elizabeth Cady Stanton apresenta de forma sucinta sua Cristologia.

Mas se Jesus foi um homem que nasceu, viveu e morreu como outros homens, um exemplo digno de ser seguido, ele merece nosso amor e admiração. E, por mostrar-nos as possibilidades da natureza humana, ele é uma inspiração constante, nossa esperança e salvação, pois, por mais árduo que seja o caminho, se um homem já o trilhou, outros poderão segui-lo. Como um Deus de poder infinito, ele não poderia ser exemplo para nós; mas com limitações humanas, nós poderemos imitar suas virtudes e seguir suas pegadas.¹⁷

As mulheres nos evangelhos recebem pouca atenção. Em Lc 18.2-7, por exemplo, a ênfase não é dada à coragem e à persistência da viúva em sua disputa com o juiz. Ao invés, Elizabeth Cady Stanton relaciona a degradação que as mulheres sofriam sob governos e sistemas religiosos com a degradação das mulheres de sua própria época. Os comentários oferecem um apelo para que as mulheres lutassem a fim de que justiça fosse feita às mulheres. A maioria dos comentários sobre os evangelhos, entretanto, descrevem os textos sem a mesma profundidade como foram analisados os textos do Antigo Testamento. Um texto rico, como o de Jo 20.1-18, que relata a cena da ressurreição e a visita ao túmulo por Maria Madalena, toca apenas superficialmente na implicação teológica para o fato de Jesus se revelar primeiro a uma mulher e dar-lhe o envio. A ênfase é na recusa de Jesus em ser tocado¹⁸.

O ponto central no Novo Testamento são as cartas paulinas, comumente usadas para proibir a emancipação das mulheres. Ao discutir 1 Co 11.3-15, Elizabeth Cady Stanton se concentra na questão de cobrir a cabeça, pois a questão da superioridade do homem sobre a mulher já havia sido discutida no comentário a Gênesis. O costume de cobrir a cabeça, parece-lhe, ainda era bastante respeitado pelas mulheres em sua própria época. Elizabeth Cady Stanton conclamava as mulheres para que se rebelassem contra este e outros costumes baseados na suposta submissão ordenada por Deus às mulheres. Estudando 1 Co 14.34-35, Elizabeth Cady Stanton levantava a suspeita de que as mulheres eram capazes de fazer perguntas inquietantes e por isso eram aconselhadas a fazê-las em casa. Talvez estejam aí os primórdios de uma hermenêutica da suspeita baseada na leitura do texto contra si mesmo.

O Legado Hermenêutico da *Bíblia das Mulheres*

A *Bíblia das Mulheres* pode parecer pouco expressiva se contrastada com as hermenêuticas feministas desenvolvidas nos últimos anos. No seu contexto e tempo, porém, os comentários acerca das mulheres na Bíblia foram radicais e desafiadores. Na verdade, muitos dos assuntos que foram levantados ao se escrever a *Bíblia das Mulheres* e sua formulação hermenêutica só foram retomados neste século, na década de sessenta, quando o movimento feminista se afirmou. Muitos assuntos, tais como a questão do pecado, a relação das mulheres com a Igreja, e a ótica das mulheres na leitura bíblica ainda continuam muito presentes.

A formulação da hermenêutica bíblica desenvolvida por Elizabeth Cady Stanton é baseada na análise das experiências de vida, contrastando-as com o texto bíblico. Em seus comentários ela relaciona a situação das mulheres na Bíblia com a situação das mulheres no seu próprio tempo. O pressuposto para entender a sua própria realidade e o contexto do texto são as relações de opressão, mais especificamente as relações de opressão do homem sobre a mulher. Usando este pressuposto, porém, Elizabeth Cady Stanton também estabelece pontes entre a opressão dos escravos negros (influência do movimento abolicionista) e com a situação das mulheres trabalhadoras (influência recebida do marxismo).

Repetidamente Elizabeth Cady Stanton declara que a Bíblia foi escrita por homens e que ela tenta mostrar a superioridade do sexo masculino. Reconhece, entretanto, que existem textos onde as mulheres têm um papel importante, ativo e independente. Mas ela não explica este fato. Afirma que estes textos são uma minoria, uma exceção aos textos que afirmam que as mulheres são ordenadas por Deus para serem submissas. A chave para analisar os textos é ver se eles libertam e se oferecem igualdade às mulheres.

O pressuposto básico de Elizabeth Cady Stanton é que a Bíblia funciona como uma legitimação do patriarcado social e eclesiástico. Por isto seu objetivo no estudo de textos bíblicos concernentes às mulheres não é a eliminação da Bíblia. O primeiro passo ao se trabalhar com a Bíblia é reconhecer que ela foi escrita por seres humanos e que a sua mensagem nem sempre é homogênea. Os textos refletem situações específicas, culturas e estruturas que nem sempre são relevantes para a nossa realidade. O segundo passo é saber o que a Bíblia diz e ser capaz de julgar se seus ensinamentos ainda podem ser tomados como corretos.

Hermeneuticamente Elizabeth Cady Stanton traz a perspectiva da suspeita ideológica à Bíblia, isto é, de que ela nem sempre foi inspirada por Deus, mas que seus autores tinham intenções quando escreveram os textos. A questão-chave para o texto bíblico não é se ele foi escrito a partir da perspectiva do homem — a maior parte dos textos foram —, mas se foi escrito com o objetivo de negar igualdade às mulheres. Sua proposta é de avaliar os textos bíblicos que se referem às mulheres e ver se é possível aplicá-los ao nosso con-

texto específico. Isto significa que se começa com uma análise crítica do texto e do contexto do escritor. Parte-se, então, para uma avaliação da relação entre o texto bíblico e a nossa realidade, observando se o texto está querendo manter ou modificar a situação vigente.

Ao escrever esta série de comentários, Elizabeth Cady Stanton e seu comitê quebraram a lei não-escrita de que as mulheres não eram capazes de interpretar as Escrituras. Em muitas das cartas que ela recebeu, as pessoas, na sua maioria homens, expressavam a sua opinião de que era ridículo mulheres estarem interpretando a Bíblia, e ainda mais sob uma perspectiva feminista. Com a *Bíblia das Mulheres* temos pela primeira vez as mulheres assumindo uma parcialidade hermenêutica ao declarar que iriam ler os textos sob a ótica das mulheres e procurar pela igualdade entre homens e mulheres, sem a pretensão de serem universais.

Historicamente, Elizabeth Cady Stanton abriu uma nova perspectiva para as mulheres na teologia. Havia, na sua época, mulheres trabalhando como pastoras e professoras em universidades, mas na sua maioria elas não quiseram se comprometer com o trabalho de revisão da Bíblia sob a perspectiva da mulher. Somente algumas concordaram em trabalhar com Elizabeth Cady Stanton. De acordo com ela, era uma desgraça ter mulheres academicamente aptas que não se identificavam com uma crítica bíblica sob uma perspectiva feminista. A idéia por detrás de sua crítica é que mulheres que já estão em uma posição de igualdade, ao menos no campo profissional, deveriam se identificar com o movimento das mulheres e usar o seu conhecimento para avançar a luta de todas. Neste sentido, a hermenêutica proposta por Elizabeth Cady Stanton foi mais do que uma interpretação bíblica, foi um questionamento profundo e atual para toda a teologia e para a Igreja.

Notas

- 1 Alma LUTZ, *Created Equal; a Biography of Elisabeth Cady Stanton, 1815-1902*, New York, Octagon, 1974, pp. 3-4.
- 2 Elisabeth Cady STANTON, *Eighty Years and More (1815-1897); Reminiscences of Elisabeth Cady Stanton*, New York, Source Book, 1970, p. 32.
- 3 Allan SEAGER, *They Worked for a Better World*, New York, Macmillan, 1939, p. 77.
- 4 STANTON, op. cit., p. 79.
- 5 Elisabeth GEIFFITH, *In Her Own Right; the Life of Elisabeth Cady Stanton*, New York, Oxford University, 1984, p. 37.
- 6 Carolyn De Swarte GIFFORD, *American Women and the Bible; the Nature of Woman as a Hermeneutical Issue*, in: Adela Yábro COLLINS, ed., *Feminist Perspectives on Biblical Scholarship*, Chico, Scholars, 1985, pp. 14-15. Uma carta pastoral redigida por clérigos da área de Massachussets, de 1837, considerava promíscua e imoral a participação de mulheres em eventos públicos, em especial quando as mulheres eram oradoras. Atributos como “Eva desobediente” e “Jezebel” eram comuns.
- 7 GIFFORD, op. cit., p. 22.

- 8 Elisabeth Cady STANTON, *The Woman's Bible*, Seattle, Coalition Task Force on Women and Religion, 1974, vol. 1, p. 9.
- 9 GIFFORD, op. cit., p. 28.
- 10 STANTON, *Eighty Years and More*, p. 380.
- 11 STANTON, *The Woman's Bible*, vol. 1, p. 7.
- 12 ID., *ibid.*, vol. 2, pp. 7-8.
- 13 *Ibid.*
- 14 LUTZ, op. cit., p. 298.
- 15 STANTON, *The Woman's Bible*, vol. 1, pp. 14-15.
- 16 *Ibid.*, pp. 23-27.
- 17 *Ibid.*, vol. 2, p. 116.
- 18 *Ibid.*, pp. 143-144.

Wanda Deifelt
Caixa Postal 14
93001 São Leopoldo — RS